Unipro EDITORA

Fé e Dinheiro

O dinheiro é a raiz de todos os males?



LIVRO 5

BISPO MACEDO

Fé e Dinheiro

Os Créditos

Coordenação Geral: Sidney S. Costa

Coordenação Editorial: Shirley Rodrigues

Projeto Gráfico e Diagramação: Silvania Ferreira

Capa: Cris Buddy

Revisão: Kátia Santos

ePub: Luis Bernardino

Copyright ©2014

www.universalproducoes.com.br

Bispo Macedo

Fé e Dinheiro

Unipro Editora

Introdução

Este é o volume 3 da Série “Fé e dinheiro”. Nos dois números anteriores, o bispo Macedo, orientado pelo Espírito Santo, procurou levar aos leitores ensinamentos sobre o significado da oferta e ajudá-los a identificar qual tem sido a vontade de Deus para aqueles que O buscam em espírito e verdade. Infelizmente, ainda são milhares os que convivem com as adversidades diárias e as têm como destino, aceitação da lei do carma ou coisa parecida.

Com esses estudos, aprendemos que ofertar não é apenas colocar dinheiro no altar, mas materializar a decisão de viver de acordo com a Palavra de Deus, e que isso exige uma série de atitudes positivas. O autor também nos esclarece que toda manifestação de fé exige uma oferta, que pode ser espiritual ou material, e que não há como dissociar a fé bíblica da oferta. Essa afirmação pode ser confirmada nas Escrituras quando lemos que o pecador deveria apresentar-se ao sacerdote com um tipo de sacrifício diferente para cada tipo de pecado cometido. Daí entendemos que cada oferta tem a sua finalidade.

A maneira como enxergamos o ato de ofertar está diretamente ligada ao que pensamos sobre a vontade de

Deus para a nossa vida. E saber ao certo que vontade é esta é o cerne da questão entre ser ou não ser abençoado abundantemente.

Nesses estudos, o bispo Macedo também nos faz lembrar que, em Sua excelsa condição, o Senhor vê cada um de nós com compaixão e misericórdia. E que, por conhecer as falhas e fraquezas humanas, Ele também é paciente o suficiente para esperar que O clamem, a fim de dar vida abundante àqueles que crêem.

Origem da Pobreza

A origem da pobreza está diretamente relacionada com o princípio do mal. A pobreza não é boa, logo não pode ser criação divina. A conotação de humildade representada pela pobreza foge totalmente do padrão de qualidade de vida criado por Deus. Ele não criou a pobreza, muito menos o mal. Nem poderia!

Se Deus tivesse criado a pobreza, todos os conceitos de grandeza e glória que O definem como Deus estariam errados. A Bíblia Sagrada estaria errada. Suas leis e mandamentos também. Como honrar alguém sem honra? Como reconhecer a glória de alguém sem glória?

Como o desvio de conduta de um filho nem sempre é de responsabilidade dos pais, assim também o surgimento do mal não foi culpa de Deus. Mesmo prevendo o futuro surgimento do mal, ainda assim, Ele não interrompeu Seu projeto pessoal da criação humana. O mal surgiu do bem, mas não do Bem imutável.

Contrastando com a riqueza gloriosa do Altíssimo, surgiu a pobreza do inferno. O mal nasceu da corrupção do bem. Satanás nasceu da rebelião contra o Senhor Deus.

Filhos de Jacó

“Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos. Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes; tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar?

Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda.

Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida.

Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.

Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.

As vossas palavras foram duras para mim, diz o Senhor; mas vós dizeis: Que temos falado contra ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos?

Ora, pois, nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao Senhor e escapam.

Então, os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do seu nome.

Eles serão para mim particular tesouro, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve.” Malaquias 3.6-17

Ao mencionar os filhos de Jacó, Deus endereça Sua mensagem diretamente àqueles que, apesar de terem conhecido e experimentado o Seu poder no passado, se mantêm rebeldes às Suas leis sociais e espirituais.

Hoje, na prática, esses filhos de Jacó são os crentes incrédulos, desviados, frios ou mornos encontrados nos quatro cantos da Terra. São aqueles que conhecem as leis espirituais estabelecidas para o relacionamento da criatura com o Criador, mas que O ignoram quando se fala em tomar a cruz e segui-Lo.

Conhecem também as leis morais e sociais que regem a boa conduta e o bom relacionamento com o semelhante, mas deixam que o egoísmo e o culto a si mesmos sobrepujem qualquer consideração ao próximo.

Quando o relacionamento com Deus vai mal, não é de estranhar que as atitudes morais e a convivência social estejam na mesma condição. Daí por que o amor está cada vez mais frio e o egoísmo, mais evidente.

A expressão “filhos de Jacó” se refere ao mau caráter que esse patriarca hebreu possuía antes de tornar-se Israel. Na Bíblia, a figura de Jacó é deplorável:

– Aproveitou-se de uma fraqueza do irmão para comprar seu direito à primogenitura.

– Aproveitou-se da cegueira do pai, devido à sua idade avançada, e o enganou fazendo-se passar por seu irmão. Fez isso vestindo-se com a roupa de Esaú e cobrindo as mãos e o pescoço com pêlo de cabrito. Então, levou pão e comida saborosa para seu pai, Isaque.

– Para sustentar a mentira de que era mesmo Esaú, usou o nome do Senhor.

Vemos que Jacó agiu de maneira fraudulenta para alcançar seu objetivo. Ao dirigir Sua Palavra aos filhos de Jacó, Deus está falando com uma geração de mauscaracteres, especialmente no que diz respeito à parte espiritual; pois não consideram os feitos do Senhor que foram realizados na vida de seus antepassados nem o livramento poderoso operado na libertação da escravidão egípcia.

Apesar de serem fiéis à tradição religiosa, mantiveram-se arredios à fé sincera no Deus de seus pais Abraão, Isaque e Israel. E justamente por causa desses homens aqueles filhos rebeldes de Jacó não eram destruídos.

Por conta de Seu caráter imutável – Deus nunca muda Sua maneira de ser –, os filhos de Jacó não eram exterminados da face da Terra. As promessas feitas pelo Senhor a esses

patriarcas se mantinham de pé para os seus descendentes que fossem fiéis. Por isso o Senhor os convida a voltar para Ele.

A FÉ E O DINHEIRO

O que há entre a fé e o sucesso financeiro? Quando a fé está apoiada na sorte, no destino ou nas profecias espíritas, a possibilidade de fracasso econômico é grande. E, nesses termos, ainda que algum sucesso seja obtido, o resultado final, em outras áreas da vida, será desastroso para esse tipo de crente. Isso porque a fé em questão nada tem a ver com a fé necessária para o relacionamento com o Altíssimo. Trata-se de fé compromissada com as fantasias teóricas das religiões e tradições pagãs cujos sofismas acabam absorvidos como regras de fé e vida.

Quantas pessoas têm aprendido desde a infância que nasceram pobres porque era a vontade de Deus? Ou porque seu destino é ser pobre? O pior é que essas idéias se firmam na mente de tal forma que só a “sorte grande na loteria” pode mudar tal situação. Esse espírito tem alimentado uma infinidade de jogos de azar, e feito seus banqueiros cada vez mais ricos.

Mas quando se trata de fé relacionada com Deus, as regras mudam completamente. Primeiro porque a genuína e pura fé se apóia apenas no verdadeiro Deus. Ela não está relacionada aos sentimentos da alma, mas ao intelecto.

Deus é Espírito; um Ser infinitamente sábio e inteligente. Ele criou os seres humanos à Sua imagem e semelhança, isto é, seres também inteligentes. Como sustentaria o relacionamento com Sua criatura na base das emoções?

Como o ser material se relacionaria com o Ser espiritual? Qual a ponte de comunicação entre Deus e o homem? A fé! E que tipo de fé? Aquela que produz vida de qualidade, neste mundo e no porvir, que é a eternidade.

As sociedades cosmopolitas registram que as pessoas mais inteligentes vivem com mais qualidade de vida do que as demais. A inteligência faz a diferença. O mesmo se dá em relação à fé inteligente.

Infelizmente, as religiões têm usado a fé emotiva e o resultado tem sido desastroso sob todos os aspectos. As pessoas têm fé em Deus; entretanto, constumam confundi-la com sentimentos. Por conta disso, não pode haver qualquer resultado. Verifica-se, então, um mundo cada vez mais religioso, porém mais desumano, violento, injusto e cruel.

Mas a fé inteligente se fundamenta na Palavra, que é inteligente. Isto é, na ética divina entregue no Monte Sinai. É a crença desligada de sentimentos e emoções. É plena convicção de que, ao sujeitar-se aos conselhos de Deus, Ele cumpre, nos mínimos detalhes, todas as Suas promessas.

Mas como saber se as promessas são mesmo d'Ele? Elas não poderiam ser frutos da imaginação humana? Aquele que prometeu também nos supre das condições para tomarmos posse de Suas promessas. Ele tem dado fé para os humildes de espírito não somente para que creiam, mas para que também conquistem Suas promessas.

Além disso, quando a inteligência humana reivindica testar tais promessas, o retorno se materializa. Isso é racional. É fé inteligente!

Como o amor possibilita o casamento entre duas pessoas, assim também é a fé em Deus. Ela é o que torna possível a

parceria com o Senhor. Mas não a fé descompromissada, independente e não assumida de forma incondicional, como temos visto no mundo atual.

Essa fé moderna se estabelece em tradição religiosa, e os que assim procedem consideram mais a crença na sua religião do que propriamente na Palavra de Deus. São religiosos e têm fé em Deus, mas não assumem tal crença com a mesma convicção necessária em uma união conjugal.

Para que haja felicidade no casamento, é necessário haver seriedade no compromisso assumido entre os nubentes. Se um deles falha, a chance de felicidade é nula, pois um está ligado ao outro. Ora, o mesmo se dá em relação à parceria com Deus! Porque n'Ele não há qualquer chance de falha. O compromisso assumido por Ele, descrito na Sua Palavra, não pode ser revogado ou cancelado. Portanto, da parte de Deus não há a menor possibilidade de erro.

Mas da parte humana, sim! E é aí que a fé faz a diferença. Por isso é que a fé, quando é pura e sincera, proporciona a felicidade. Mas quando a fé é pura? Ela é pura quando não há dúvida de que Deus cumprirá a Sua Palavra. Essa certeza é agradável ao Senhor e torna possível Sua parceria com o fiel, pois é a partir dela que Ele inspira o fiel e este, imediatamente, a coloca em prática. E, então, acontece o milagre. Deus conhece o coração humano e pode avaliar o seu íntimo. Ele conhece os corações que estão totalmente entregues; os corações que não são d'Ele somente por alguns momentos, dias, semanas, meses ou anos, mas por toda a vida!

Por conta desse conhecimento é que vem a manifestação gloriosa e poderosa de Deus na Terra. É como diz a profecia: "Quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é

totalmente dele” (2 Crônicas 16.9). Numa parceria não pode haver sequer o mínimo de descon-fiança entre as partes, sob pena de colocar em risco a sociedade. A lealdade tem que ser incondicional, situação cada vez mais difícil de acontecer entre os seres humanos. Individualismo e sentimento de liberdade têm ocupado a mente humana e tornado quase impossível a sociedade entre as pessoas.

A fé é o termômetro na parceria com Deus. Ela estabelece as regras da sociedade com Ele, porque vem de Deus. Por isso, quando há pureza de fé, há pureza de relacionamento com o Senhor, e, conseqüentemente, tem que haver resultados. Ninguém se associa a outrem sem que haja objetivos em comum. Assim têm sido as sociedades no mundo, e com Deus não é diferente. A parceria com Ele, obrigatoriamente, tem que produzir resultados práticos na vida humana.

A fé é uma ferramenta de uso constante em todos os aspectos da vida. Independentemente de a pessoa crer ou não em Deus, a fé se mantém como ferramenta indispensável no quotidiano das pessoas. O médico precisa acreditar na sua ciência para ajudar os pacientes; os pacientes precisam crer na capacidade do médico para serem ajudados. O investidor precisa acreditar que seu investimento vai produzir lucro. O agricultor precisa crer na multiplicação da semente na terra para semear e colher. O trabalhador precisa crer que no final do mês receberá seu salário. O empresário precisa crer nos seus investimentos e o jogador precisa crer na sorte para ganhar...

Mas a fé inteligente leva a pessoa a crer na Palavra de Deus, que não falha. Há os que crêem e os que querem crer. Mas os sinais de Deus são apenas para os que crêem. E crer significa muito mais do que simplesmente acreditar.

O verbo crer, no original grego, significa entregar-se de corpo, alma e espírito. Trata-se, então, de entrega incondicional. Já o verbo acreditar diz respeito ao crédito que se dá a determinada pessoa, mas não de forma incondicional. Biblicamente falando, acreditar é namorar, e crer é casar.

A maioria dos cristãos confunde crer com acreditar. Muitos, acreditando que crêem, vivem de esperança. Por conta disso, são iludidos com sua suposta fé.

Dois cegos vinham seguindo Jesus e clamando por misericórdia. Repentinamente, o Senhor lhes perguntou: “Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor! Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mateus 9.28,29).

A cura ocorreu mediante a crença daqueles homens na Palavra do Senhor. Não foi exatamente o Senhor quem os curou, mas a fé que possuíam na Sua Palavra. A participação de Jesus nesse milagre foi apenas determinar que fosse feito segundo a fé daqueles que clamavam. É esse tipo de fé que faz a diferença na vida dos que crêem de verdade. A cura daqueles cegos comprovou a verdadeira crença.

Semelhantemente, quando o oficial romano pediu pela cura de seu servo, Jesus respondeu dizendo que iria à sua casa. Alegando a indignidade de tê-Lo sob o mesmo teto, o oficial pediu apenas que o Senhor enviasse uma palavra. Admirando-Se da fé que Lhe foi apresentada e, a exemplo do que havia feito aos cegos, o Senhor disse ao centurião: “Vai-te, e seja feito conforme a tua fé” (Mateus 8.13).

A verdadeira fé, obrigatoriamente, produz resultado. O grande problema é a fé misturada com sentimentos. Fé é

certeza, e não sentimento! Fé é a certeza que vem do Alto porque é dom divino, enquanto os sentimentos são humanos e vêm de baixo.

Enquanto a fé é a principal ferramenta de conquistas espirituais e materiais, os sentimentos são a razão de muitos fracassos e decepções.

A fé é medida pela coragem de tomar decisão; por isso o sacrifício identifica, mostra e mede a fé. Nele há coragem, determinação e força de vontade... A fé é a ponte de ligação entre o homem e Deus.

Aliança: A planta dos pés na posse

O Senhor prometeu a Moisés, representante dos filhos de Israel, que todos os locais onde seus pés pisassem seriam de propriedade dele. Na prática, isso significava que os limites da conquista dos filhos de Israel dependiam deles mesmos. Quanto mais andassem, maiores seriam os termos de sua propriedade. Era importante avançar cada vez mais. A mesma promessa também foi feita a Josué.

De forma semelhante, o Senhor Jesus ensinou que o Reino de Deus é tomado por esforço. Nas passagens bíblicas, fica evidente que a posse das promessas divinas depende em parte de Deus e em parte de quem n'Ele crê. A parte que cabe a Deus são as promessas feitas; a parte dos que crêem é seguir avançando sem parar.

Nenhuma conquista é feita sem fé e perseverança. Não é porque as orações ainda não foram atendidas que não serão respondidas. Quando há certeza, há resposta.

Além disso, verifica-se que Deus traça o caminho da conquista em parceria com o conquistador. Não se pode esperar atitude apenas d'Ele. Há que cooperar com Deus.

O reino do mundo é caracterizado pelas injustiças sociais. Poucos têm muito e a maioria não tem nada. Nem todos os pobres são de Deus, assim como nem todos os ricos são do mal. A Bíblia aponta tanto pobres do mal quanto ricos do Bem. Nem todo pobre é humilde, assim como nem todo rico é soberbo.

O rico é malvisto por causa da injustiça que pratica, porque, tendo muito, muitas vezes despreza os que nada têm.

AS SANDÁLIAS DE MOISÉS

Deus não precisa de dízimos nem de ofertas. Porém, quando o fiel tira do bolso os primeiros dez por cento, ou seja, a primeira décima parte de toda a sua renda, e os deixa no altar de Deus, obviamente ele está admitindo a soberania divina de forma prática e incontestável. O dízimo relaciona o fiel com o Altíssimo, a exemplo da experiência de Moisés quando se aproximou da sarça ardente. Naquela oportunidade, Deus o mandou tirar as sandálias dos pés porque o lugar em que estava era terra santa.

Uma vez descalço, Moisés manifestou humildade, reverência, respeito e, sobretudo, reconhecimento à soberania de Deus.

É importante frisar que o dízimo não se constitui de quaisquer dez por cento, mas dos primeiros dez por cento de toda a renda. Por isso ele é também considerado primícia, ou primeiros frutos. Honrar a Deus com o dízimo é considerá-Lo em primeiro lugar na vida. Esse fato reforça a condição de primícia que ele possui. O fundamento espiritual que explica o dízimo está na pessoa do Senhor Jesus Cristo. Para resgatar os que se comprometem com o

Filho do Altíssimo através de aliança, Deus teve que abrir mão do Seu Único Filho e enviá-Lo à Terra para ser sacrificado. Jesus foi o dízimo pago por Deus para salvar os que n'Ele crêem. E os que n'Ele crêem são dizimistas para a sua própria Salvação. Deus não enviou anjo nem arcanjo ao mundo, Ele não poupou Seu Primogênito, ou Primícia, para salvar os que crêem. Da mesma forma, não se pode poupar a devida honra a Ele e deixar de dizimar de todo o fruto das mãos.

DÍZIMO, PRIMÍCIAS E PRIMOGENITURA

O dízimo e as ofertas jamais devem ter a conotação de bens materiais. Jamais podem ser assemelhados a dinheiro, propriedades ou bens de consumo.

Se assim fosse, Deus não os colocaria como condição para o ser humano voltar-se a Ele. O dízimo e as ofertas tratam de algo essencialmente espiritual e não material, como a maioria tem pensado. Dízimo, primícias e primogênitos têm o mesmo sentido espiritual. São o primeiro fruto, o primeiro filho, o primeiro amor; enfim, tudo o que precede aos outros em tempo, lugar e importância. Isto é, Deus em primeiro lugar. Ou seja, dízimo é primícia e primícia significa honra ao Senhor em primeiro lugar.

E não é este o primeiro grande mandamento: "Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Deuteronômio 6.5)?

As pessoas precisam discernir o sentido espiritual do dízimo, ou seja, que ele é algo que compromete o fiel com Deus. O dízimo é uma questão de relacionamento entre servo e Senhor.

Ao convidar os filhos de Jacó a voltarem-se para Ele, o Senhor dos Exércitos impôs uma condição: “Trazei todos os dízimos.”

De acordo com as respostas que deram ao Senhor, conforme veremos adiante, verificamos que eles se consideravam justos aos próprios olhos.

Quando o Senhor cobra o dízimo e as ofertas, na realidade Ele está cobrando fidelidade e consideração à Sua Pessoa. As primícias são os primeiros frutos colhidos. Assim também é o primogênito, que é o primeiro filho homem, o qual, na Lei mosaica, era dedicado ao Senhor. Tanto as primícias quanto os primogênitos simbolizam o Unigênito de Deus, Jesus Cristo. Ainda hoje as primícias pertencem ao Senhor, assim como os primogênitos. Porém, tudo isso é puramente uma questão de fé. Nem todos crêem nisso. Mas quem crê e quem não crê? Só há uma maneira de fazer essa distinção: através da obediência à Palavra de Deus.

A obediência à Palavra é a fé praticada; então, quem realmente crê pratica, obedece e se submete a ela. E, por conta dessa fé prática, Deus também fica obrigado a cumprir Suas maravilhosas promessas para com Seu servo. Sobre isso, aprendemos que para toda ação há uma reação. Abel e Caim são exemplos clássicos da reação de Deus em relação ao dízimo e às ofertas. Abel trouxe a Deus as primícias do seu rebanho (dízimo) e a sua gordura (oferta), enquanto Caim apresentou uma oferta do fruto da terra.

Deus Se agradou da oferta de sacrifício de Abel, mas não Se agradou com o que Caim ofertou. Por quê? Porque a oferta de Abel era melhor do que a de Caim, ela era excelente.

E por que a oferta de sacrifício de Abel era excelente? Porque ele ofereceu ao Senhor as primícias do seu rebanho

e a sua gordura, enquanto Caim fez apenas oferta de sacrifício da terra. Abel foi considerado justo, ou seja, sem pecado diante de Deus, justamente por causa da qualidade de sua oferta de sacrifício. Nessa oferta estavam inseridos o dízimo e o sangue, que tipificavam o sacrifício do Primogênito de Deus, Jesus. Quer dizer: o dízimo e a oferta justificaram Abel perante o Altíssimo da mesma forma como o sacrifício do Senhor Jesus justifica qualquer pecador que pratica a fé cristã. O crente incrédulo perguntaria: Como podem dízimo e ofertas tornar a pessoa justa diante de Deus? Não seria isso uma heresia?

Não se pode esquecer que a expulsão de Adão e Eva do Paraíso se deu devido à desobediência deles ao tocar no fruto da árvore exclusiva de Deus. Aquela árvore no meio do Jardim do Éden representava o dízimo do Senhor. Deus poderia ter colocado a árvore num lugar de difícil acesso, mas Ele a colocou bem no meio do Jardim, justamente para que o homem respeitasse o Seu mandado de maneira consciente e espontânea.

Da mesma forma, o dízimo está inserido naquilo que a pessoa tem; porém, ela não pode tocá-lo. Quando ela o toca, é considerada ladra. Pelo fato de a expulsão do homem do Paraíso ter ocorrido por causa do roubo do dízimo, a condição para que o homem volte ao Jardim de Deus é a sua fidelidade no dízimo e nas ofertas.

Daí a razão por que Deus fala aos filhos rebeldes de Jacó que se voltem para Ele através do dízimo: “...tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros”. Ao que eles dizem: “...em que havemos de tornar?”. E o Senhor responde: “...Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa...” . Quando Deus fala “minha casa”, está Se referindo ao Reino no qual vivem Seus servos. E o servo considera o Senhor como o dono de toda a

sua vida e de seus bens. Em reconhecimento a isso, o servo devolve as primícias do seu trabalho ao Senhor. O dízimo dedicado na casa do Senhor significa compromisso com Deus.

As primícias não tratam de dinheiro, mas de quem tem sido o Senhor de quem! Como as primícias dizem respeito aos primeiros frutos, também tratam do mais importante na vida de alguém.

Qual é a primeira coisa que faz um ganhador da loteria? Quem é o primeiro a se beneficiar de sua fortuna? Se a primeira coisa que o ganhador pensa é comprar uma bela casa para acomodar a família, então sua família está em primeiro lugar na sua vida.

Mas se ele pensa em primeiro comprar o mais veloz e lindo carro para si, então ele é a primeira pessoa na sua vida. Tudo depende de quem será o primeiro a ser beneficiado.

Deus não aceita ficar num plano secundário na vida de ninguém. Ou Ele é o primeiro, ou então não faz parte da vida da pessoa. É justamente essa a idéia das primícias ou dízimo!

O dizimista não é um associado ou colaborador da igreja, mas o primeiro servo de Deus. Tanto como os demais dizimistas que ocupam o primeiro lugar no plano divino.

Da mesma forma como o Senhor é considerado, Ele nos considera. Se o colocamos em primeiro plano em nossa vida, também somos colocados em primeiro plano.

Daí a razão por que Ele chega ao ponto de convidar Seus servos a testá-Lo com o dízimo e as ofertas.

O diabo tem promovido alguns de seus filhos com sucesso financeiro de forma extraordinária. É verdade que nem todos são “beneficiados”, mas alguns, sim. E o que esses “abençoados” têm feito para serem objeto da atenção dele?

Primeiro: têm promovido a desordem e a incredulidade; segundo: têm feito verdadeiros pactos de sangue, inclusive na oferta de sacrifício de vidas inocentes. Ora, se o diabo é capaz de “ajudar” seus filhos, imagine Deus!

Quando a pessoa apresenta suas primícias ao Senhor, não deixa opção para Ele a não ser abençoá-la, pois afinal essa pessoa O torna Senhor de sua vida.

Mas, se ela retém as primícias, mantém-se na condição de senhor de si mesma, e, indiretamente, sujeita ao senhorio do devorador.

Por conta de Sua imensa vontade de ver Seus filhos vivendo uma vida de qualidade é que o Senhor nos convida a testá-Lo. O amor ao dinheiro é o princípio de todos os males, mas o dinheiro em si não é mau. Ele só se torna mau quando é senhor, e não apenas moeda de troca.

A possibilidade de o homem possuir as riquezas vindas do Senhor foi a razão pela qual Ele lançou-nos o desafio para testá-Lo. A inconstância de fidelidade no dízimo acarreta instabilidade econômica.

Por que o dízimo? Antes de respondermos a essa pergunta, é preciso saber o significado deste tributo. Muitos séculos antes de Moisés receber as Leis de Deus e os Seus mandamentos, Abraão já honrava o Senhor pagando o dízimo. Quer dizer, a lei sobre o dízimo existia antes da criação de Israel. O segundo filho de Adão, Abel, já o pagava. A princípio, o dízimo é o elo entre a criatura e o

Criador, entre os mundos físico e espiritual. É a expressão de fé materializada no Autor da Vida.

O dízimo e as ofertas devem ser tratados com respeito e reverência, porque tipificam a oferta de Deus ao mundo.

As pessoas devem ser conscientizadas de que o dízimo e as ofertas são um excelente investimento para si mesmas. Por isso, o pastor não deve nunca preocupar-se com o valor ofertado por cada um. Deus prometeu multiplicar sem medida aquilo que Lhe é ofertado. Além disso, não adianta o pastor insistir com os incrédulos. Dá quem crê nas profecias, e quem não crê não tem o direito de dar.

Não adianta o pastor perder demasiado tempo tentando convencer o incrédulo. O trabalho de convencimento é exclusivo do Espírito de Deus. E, se Ele não convence o incrédulo, quem o fará? Isso é como jogar pérolas aos porcos, como disse o Senhor Jesus.

O pastor deve ensinar as profecias e deixar que o Espírito Santo as confirme na vida dos que crêem. Lembrem-se de que os sinais seguem aos que crêem, não aos que não crêem!

O pagamento do dízimo e a doação das ofertas são o resultado da ação do Espírito Santo no coração dos que crêem.

A pergunta do profeta Isaías é bem clara com respeito às promessas de Deus: “Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?” (Isaías 53.1).

Significa que as profecias bíblicas são revelações do Espírito de Deus para os que crêem! NÃO PARA OS QUE NÃO CRÊEM!

E se para algumas pessoas não foi revelado o braço do Senhor, ou seja, o Seu poder, adianta o pastor insistir pedindo o dízimo e a oferta? Não, não adianta, porque o cumprimento dessa responsabilidade cristã é uma conseqüência natural da ação do Espírito na vida dos que crêem.

Se o pastor não crê que o Espírito Santo revelou aos corações as promessas do Senhor e que Ele os convenceu sobre essas questões, então ele também é incrédulo e está no lugar errado!

O momento da entrega da oferta e do dízimo deve ser simples, natural e objetivo. Isto é, o pastor jamais deve insistir para que a pessoa os entregue. A insistência do pastor mostra uma única coisa: ele não crê na ação do Espírito Santo!

Fé é certeza absoluta

A certeza absoluta não surge do acaso nem se consegue por meio de sorte. Ela vem pela ação direta do Espírito Santo nos humildes de espírito, conforme a Palavra: “Mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que crêem” (1 Coríntios 14.22).

QUEM SÃO OS QUE CRÊEM?

Os que crêem são apenas aqueles que foram convencidos pelo Espírito de Deus.

A revelação das promessas de Deus é a mesma coisa que convencimento das promessas de Deus. Não vem do céu, como a chuva, nem nasce sobre todos, como o sol. Mas é uma dádiva, um dom de Deus.

A revelação divina é loucura para os que se perdem, mas poder de Deus para os que crêem!

As pessoas não chegam ao conhecimento de Deus pela própria capacidade intelectual. Mas apraz a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação.

Mas quem são mesmo os que crêem? Aqueles a quem foi revelado o braço do Senhor! Aqueles a quem o Espírito Santo revelou!

Quando o Espírito Santo convence, Ele revela Sua vontade. Daí, então, a pessoa se converte para sempre. Mas, se alguém é convencido pelo homem, sua conversão dura apenas um tempo limitado.

Daí a razão por que muitos são chamados, mas poucos se mantêm na fé.

A profecia é a revelação da vontade de Deus para os que crêem. E somente os que crêem de verdade se lançam na busca do seu cumprimento.

O altar é lugar sagrado justamente porque reúne apenas os que receberam a revelação divina.

DOIS SENHORES

Dois senhores... Dois reinos... Dois territórios. Neste mundo há o Senhor do Bem e o senhor do mal. Cada um domina e reina em seu próprio território.

Quem está sujeito ao Reino do Bem tem a garantia e a proteção do seu Senhor, conforme lemos em Salmos 91. Quem se submete ao senhor do mal está sujeito ao seu mal.

É claro que ninguém, em sã consciência, escolhe o reino do mal. Naturalmente, já se nasce no império do reino das trevas.

A entrada do ser humano no Reino do Bem só é possível quando o senhor do mal é expelido pelo poder do Espírito

de Deus. Ou seja, o estabelecimento de um reino no coração do ser humano depende da saída do outro. Não se pode estar sujeito a dois reinos ou a dois senhores.

A decisão de viver num ou noutro território depende de cada um de nós. A vida de uma pessoa depende dela mesma, de sua vontade de sujeitar-se a um ou a outro senhor.

Não há como viver em ambos os lados ao mesmo tempo. Não há como agradar aos dois simultaneamente. Cada pessoa tem que escolher por si mesma em qual território viverá ou a qual senhor irá servir.

Também não há a opção de não servir a nenhum dos dois. Como não há combinação entre a Luz e as trevas, entre o Bem e o mal, também não há a opção da neutralidade, pois ou se está na Luz, ou se está nas trevas. Posição intermediária entre ambos os reinos não há.

Portanto, cada um precisa avaliar sua posição diante dos fatos e decidir onde ficar.

Tudo na vida gira em torno da serventia a um ou a outro. O Senhor do Bem tem Seus servos, da mesma forma que o senhor do mal. Os servos do Bem o consideram dono de todas as coisas, especialmente de suas vidas. Mas os servos do mal consideram-se proprietários de tudo o que têm seus nomes.

Os servos do Bem são despojados de qualquer bem porque consideram o Senhor como proprietário eterno de todas as coisas, nos Céus e na Terra.

O Senhor do Bem tem Sua poderosa mão estendida para salvar os servos do mal, mas o senhor do mal anda ao

derredor dos servos do Bem para destruí-los e trazê-los para si novamente.

MAMOM

Nos tempos do Novo Testamento, a palavra “mamom” era comumente personificada no demônio da avareza, riqueza e injustiça.

A riqueza em si não era demoníaca, mas o culto a ela ultrapassava os limites da idolatria. Porque os homens prezavam mais as coisas materiais do que as espirituais. E justamente porque o consumismo era, e é, tido como um desejo desenfreado, caracteriza-se, assim, como idolatria às riquezas.

Deus nunca condenou as riquezas. Até porque a única vez em toda a Bíblia que Ele convida o ser humano a testá-Lo é justamente em relação às riquezas.

Mas o amor ao dinheiro gera o sentimento pagão de verdadeira adoração às riquezas materiais. Daí surgiu a avareza e, em razão disso, a injustiça social.

DEUS X CÉSAR

Quando os religiosos hipócritas desafiaram o Senhor sobre dever ou não pagar tributo a César, o Senhor tomou uma moeda e lhes perguntou: “De quem é esta efígie e inscrição?”. E eles responderam: “De César”. Então o Senhor lhes disse: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Marcos 12.16,17). Mas o que significa “o

que é de César”? César representa a lei dos homens. E quando eles a transgridem, são severa e implacavelmente punidos. E “o que é de Deus”?

Os fariseus estavam perguntando ao Senhor se era justo pagar impostos ao imperador romano. Mas César não é a figura apenas do governo. César representa todos os seres a quem se serve, inclusive a própria pessoa.

Os cuidados com o corpo físico, como alimentação, higiene pessoal, exercícios físicos ou descanso, são serviços que prestamos a nós mesmos. Aí está a figura de César.

A compra de bens de consumo, como casa, carro, móveis, ou o pagamento de aluguel, luz, gás, água, telefone ou prestações continuam sendo serviços prestados a nós mesmos.

Os benefícios oferecidos a familiares ou a alguém são formas de serviço que prestamos a terceiros. Mas, quando pagamos dezenas de impostos, servimos a César, uma figura fria, calculista e implacável que não perdoa dívidas. É sábio quem se mantém em dia com ele.

A figura de César está presente na própria pessoa a quem servimos, que podem ser o marido, a mulher, os filhos, os pais, o patrão ou o governo. Todos os que são servidos, de uma forma ou de outra, simbolizam César.

Qualquer benefício que se presta a alguém, seja quem for, simboliza a figura de César.

Esse é o mesmo sentido do serviço a Deus, no dízimo e nas ofertas. Trata-se de um serviço coletivo, tanto do pastor quanto dos membros da igreja.

O propósito do dízimo e das ofertas é suprir a Casa de Deus com mantimento. Ou seja, o serviço na Obra de Deus não é feito apenas pelos que ali se dedicam diariamente, mas também pelos dizimistas e ofertantes.

A prestação de serviço a Alguém invisível é um ato de fé prática. Crê-se de todo o coração que se está servindo a Deus. E esse tipo de obediência é que caracteriza o servo de Deus.

Não se trata do dinheiro, mas da fé de servir primeiro a Deus com as primícias.

DEVORADOR

A figura do devorador mencionada por Deus passa a idéia de devastação completa. Imagine o fogo consumindo uma fábrica de produtos inflamáveis. É praticamente impossível controlá-lo.

Assim também é a ação do devorador na vida dos rebeldes à Palavra de Deus. Seu apetite voraz destrói tudo com tamanha velocidade que não dá nem tempo de reação.

Prejuízos, desgraças e destruições acompanham os passos do devorador. Ele é a personificação do mal e atua para impedir o progresso.

O Senhor Jesus avisa que ele vem somente para roubar, matar e destruir. Ele tem toda a liberdade para agir na vida dos que não têm considerado e servido a Deus como Senhor.

Jesus Cristo é Senhor apenas dos que Lhe servem. E o dízimo representa os primeiros frutos servidos a Ele.

Os não dizimistas não servem a Deus com as primícias porque não O consideram Senhor dos Céus e da Terra. Muito menos de suas vidas! Essas pessoas, voluntariamente, recusam o senhorio divino. E, então, quem as livrará da ação do devorador?

O sentimento divino em relação a elas é tão forte que Deus as considera como ladrões. Três vezes seguidas o Senhor usa o verbo roubar referindo-Se a elas.

“Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda.” Malaquias 3.8,9

Quando há roubo, há ladrão, e aí está a figura do devorador. E quando há ladrão, há também a ação do devorador para amaldiçoar o trabalho das mãos e destruir o fruto da terra. É importante notar como os autores sagrados identificam ou se referem a Deus na Bíblia. Normalmente, eles usam as expressões “Deus de Abraão”, “Deus de Isaque”, “Deus de Israel”; mas nos primeiros versículos do capítulo 3 do Livro de Malaquias, vemos a referência a Deus como “Senhor dos Exércitos”.

E o que significa “Senhor dos Exércitos”? Quando a Bíblia fala em “Senhor dos Exércitos” está se referindo a Deus como Comandante Supremo dos Exércitos de Anjos. E isso traz a idéia de guerra, já que a atividade principal de um exército é defender sua pátria, seu povo. Ao identificar-Se como Senhor dos Exércitos, Deus está Se colocando como Defensor da saúde, prosperidade e bem-estar de Seu povo, Sua nação, Seu Reino. Trata-se, então, de guerra dos poderes celestiais contra os poderes infernais na defesa do povo de Deus.

Quando o assunto é financeiro, não se trata somente de um pouco mais ou um pouco menos de prosperidade, mas de uma disputa entre a Luz e as trevas. Porque no Jardim do Éden, depois de ter criado toda a riqueza maravilhosa na Terra, Deus a entregou a Adão e Eva para administrá-la com autoridade divina. A desobediência deles fez com que o diabo tomasse posse dessa autoridade que haviam recebido e passasse a dominá-la. Mas a Terra continua sendo propriedade do Altíssimo, e Ele a dá a quem obedece à Sua Palavra.

O fiel zela não apenas por viver afastado do pecado, mas também por considerar o Senhor dos Exércitos como Senhor da sua vida. E quando dá a Deus o que Lhe pertence, o Senhor tem a obrigação de cumprir Suas promessas abundantes na vida do fiel.

Não importa a capacidade intelectual ou mesmo se a pessoa é de nobre nascimento; se é branca ou negra; se é jovem ou idosa; se é homem ou mulher; viúva, solteira, com ou sem escolaridade. Nada disso é importante para Deus!

O que agrada a Deus é a obediência à Sua Palavra pela fé. O Senhor dos Exércitos coloca Seus exércitos sob o próprio comando para lutar contra os devoradores que ousam tocar nas riquezas conferidas aos obedientes. Os Exércitos do Altíssimo estão sempre de prontidão para defender aqueles que consideram o Senhor dos Exércitos como o Senhor de suas vidas. É por isso que o povo de Deus tem a obrigação de retomar a posse do que é de Deus. Não é admissível que os filhos das trevas dominem os filhos da Luz. É justo que os filhos de Deus sejam escravos dos filhos do diabo? Essa era a situação dos filhos de Israel no Egito!

No Jardim do Éden, Adão entregou “de bandeja” sua autoridade sobre toda a Terra para o diabo. Mas, no Jardim

do Getsêmani, o Senhor Jesus foi separado do Pai e do Espírito Santo para resgatar a antiga autoridade de Adão. A árvore no meio do Jardim, cujo fruto era proibido comer, era exclusiva de Deus. Ela representava o dízimo. Quando o homem tocou no seu fruto, imediatamente perdeu a comunhão com o Criador. O mesmo se dá quando se faz uso das primícias que deveriam ser entregues a Deus. Uma vez expulsos da presença do Criador, Adão e Eva se transferiram automaticamente para o lado do diabo. Ou seja, ficaram sob o jugo daquele que veio para matar, roubar e destruir, o devorador.

Quando a pessoa começa a obedecer a Deus no dízimo e nas ofertas, imediatamente se transfere para o lado de Deus. Cumpre-se, assim, a vontade do Senhor: “tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros”. A partir de então, essa pessoa tem os exércitos angelicais sob o comando do Altíssimo para fazê-la tomar posse do Reino de Deus e de todas as Suas bênçãos.

TORNAI-VOS PARA MIM

Imediatamente após ter sido identificada a raiz do problema dos filhos de Jacó, Deus os convida a voltarem-se para Ele e os ensina como isso poderia ser feito. Em resposta à obediência ao Seu mandado, o Senhor Se voltaria para eles.

A condição oferecida pelo Senhor vai ao encontro da disposição que cada um tem para aceitar ou não a oferta divina. No caso dos filhos de Jacó, Deus somente transformaria a situação se eles se dispusessem a voltar para Ele. É a antiga lei do “toma-lá-dá-cá”. Deus sempre trata o ser humano de acordo com a maneira como ele O trata. Assim, se a criatura O considera, então Ele faz o

mesmo: “...aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos” (1 Samuel 2.30).

“Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele.” 2 Crônicas 16.9

Da mesma maneira como Deus transformou Jacó em Israel, transformaria os filhos de Jacó em filhos de Israel. Como filhos de Jacó, se manteriam amaldiçoados, mas como filhos de Israel herdariam todas as promessas feitas a Abraão, Isaque e Israel.

E o que os filhos de Jacó teriam que fazer para voltar para Deus?

Eles deveriam colocá-Lo em primeiro lugar em suas vidas, honrando-O com as primícias de toda a sua renda.

A entrega das primícias na Casa de Deus é o primeiro sinal prático da volta para o Senhor. É muito simples entender isso, porém é difícil praticar! Jesus é o Filho do Altíssimo, Primícia de Deus, ofertado ao mundo para a Salvação daquele que n’Ele crê. Se é justo que Deus tenha dado Sua Primícia para a Salvação da raça humana, também é justo que Ele exija as primícias de Sua criatura como reconhecimento de Sua soberania.

Justamente por isso o Senhor Jesus Se identificou como a Porta, dizendo: “...Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem” (João 10.9). Ele é a Porta da vida com abundância. E ninguém terá acesso à plenitude de vida se não entrar por essa Porta.

Ou seja, é através da dedicação das primícias (dízimo) que se tem direito a todas as promessas de Deus. Portanto, quem quiser voltar-se para Deus tem que começar a honrá-

Lo com as primícias. Isso significa considerá-Lo como Senhor.

O proprietário das primícias é o senhor de tudo. Porém, quando as entregamos a Deus, é Ele que passa a ser o Senhor de todas as coisas. A pessoa pode crer em Deus e até considerar-se cristã, mas se suas primícias mantiverem-se em seu poder, a sua fé cristã será inútil.

Essa era exatamente a situação dos filhos de Jacó: eles criam em Deus de forma teórica, mas na prática roubavam as primícias do Senhor. Por isso eram objetos de maldição.

Ao tratar a fé em Deus de forma teórica, teóricas também serão as promessas divinas. Se a pessoa finge ser cristã, não pode exigir nada do Senhor, inclusive que Ele seja seu Deus e Salvador.

Os primeiros frutos do trabalho são o melhor da pessoa. Assim também são as primícias. Neste mundo, os sentimentos são demonstrados da seguinte maneira: a pessoa mais amada é a mais considerada e recebe as primícias de quem a ama, porque o melhor é do maior e mais importante.

Um exemplo disso é o primeiro pedaço do bolo de aniversário, que é dado pelo aniversariante à pessoa que ele mais considera.

As primícias dedicadas no altar apontam Deus em primeiro lugar na vida do ofertante. Se oferecermos nossas primícias a Ele, também seremos Suas primícias, conforme lemos em Apocalipse 14.4.

É importante notar que o Senhor é o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim... Independentemente da consideração do

ser humano, Deus já É! E o que Ele deseja é Ser o Primeiro e o Último na vida de cada um.

E quando alguém O elege como Primeiro de sua vida, honrando-O com suas primícias, então Ele o recompensa tornando-o primeiro em Sua vida.

Colocando Deus à prova

Que motivo levou o Autor da vida, o Criador dos Céus e da Terra, o Eterno e Único Deus, Senhor da Glória e dos Exércitos, a lançar mão do desafio popular?

Como temos afirmado, de fato, durante toda a história do relacionamento de Deus com o ser humano, a única vez em que Ele convida Sua criatura a testá-Lo é no que diz respeito ao dízimo e às ofertas. Porque o dízimo e as ofertas não tratam exatamente de dinheiro, mas de reconhecimento prático da soberania do Senhor sobre a vida dos que O servem.

A dedicação do dízimo na Casa de Deus é o que diferencia os praticantes da fé cristã dos não praticantes. Não se brinca com Deus. A pessoa que finge ser cristã pensa que o Senhor é o seu Deus, mas tudo o que o homem semear, isso também ceifará.

Materializar o compromisso com Deus é praticar a Sua Palavra.

É como se aplica a lei de arrendamento no campo: o dono da terra aluga uma parte do seu campo por um período de

tempo; o arrendatário prepara a terra, retira as pedras e o capim; depois ara a terra, semeia, e, no seu tempo, colhe o fruto. E de todo o fruto é obrigado a dar a metade para o arrendante. Quer dizer: o dono da terra recebe 50% do fruto sem qualquer investimento ou trabalho. Apenas por ser dono da terra, ele tem direito à metade da produção. Ora, de quem é a terra? É injusto devolver ao Senhor da terra a décima parte do que colhemos dela? Claro que não! Injusto é usar o que pertence ao Dono do planeta Terra. Eis a razão pela qual Ele chama de ladrão aquele que é infiel no dízimo e nas ofertas.

O ROUBO A DEUS E A MALDIÇÃO

A maldição trata de um mal permanente que se herda e é transferido de geração a geração, independentemente da vontade da vítima.

Como um mal genético, a maldição não se interrompe com o poder econômico, com a ciência ou qualquer ferramenta humana. Isso porque sua origem é espiritual. Seu poder maligno atua de forma invisível, imperceptível e abstrato aos olhos físicos. É uma peste espiritual que se propaga livremente no mundo material.

Somente a fé praticada na Palavra de Deus tem poder para neutralizar toda e qualquer maldição.

Como já dissemos, os não dizimistas rejeitam acreditar e obedecer à Palavra de Deus. Sendo assim, quem os livrará da maldição do devorador?

Eles não podem contar com a ajuda divina porque Deus já os considera ladrões, conforme Malaquias 3.8,9.

Quer dizer: a maldição acompanha os ladrões e, conseqüentemente, as suas gerações.

A fala de Deus é muito clara quando aponta o não dizimista como ladrão. E, por conta disso, também o considera amaldiçoado. Quando os pais amaldiçoam um filho por qualquer malcriação, a maldição permanece durante toda a vida daquela pessoa. Somente sua conversão sincera ao Senhor Jesus pode livrá-la do tormento.

Imagine quando o próprio Deus sentencia aquele que O rouba à maldição! Obviamente, Deus não amaldiçoa ninguém de maneira deliberada; a pessoa é que, ao se manter ao lado do chefe dos ladrões, que é o diabo, coloca-se em posição indefensável.

Pois quando a pessoa vive no território do diabo, Deus não tem como defendê-la. O Senhor só tem direito de livrar a pessoa quando ela, por livre e espontânea vontade, decide se transferir para o Seu território! Só então o Senhor dos Exércitos entra em ação e a livra do devorador e da sua maldição. Mas, enquanto estiver na condição de ladrão, ou no território do devorador, terá seu futuro comprometido pela maldição.

Está determinado que o diabo não tem autoridade sobre os fiéis de Deus (Salmos 91). Mas, na vida dos ladrões, ele tem total liberdade de destruição. Inclusive para conduzi-los ao inferno. Portanto, a maldição profetizada por Deus é endereçada aos ladrões de dízimo e ofertas.

Genética do ladrão

A genética espiritual do ladrão é a mesma de satanás. Ou seja, traz em si o seu DNA. Não seria isso a marca da besta?

O ladrão é indolente e preguiçoso. Não gosta de trabalhar e prefere se apossar do que é dos outros. Sua natureza rebelde é incapaz de sujeitar-se à ordem e disciplina do Reino de Deus.

Quando há roubo, há ladrão; e quando há ladrão, há livre ação do devorador para roubar, matar e destruir.

Ao identificar Deus como Senhor dos Exércitos, o profeta passa a idéia de Senhor da guerra, Comandante supremo dos exércitos de anjos poderosos. Já falamos, a atividade principal de um exército é defender seu povo e seu território. Portanto, o Senhor dos Exércitos coloca-Se como defensor do Seu Reino aqui na Terra, que é a Igreja do Senhor Jesus Cristo.

Ele disse: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16.18).

Fica evidente a guerra entre os poderes celestiais do bem contra os poderes infernais satânicos. O salmo 91 retrata

bem quem está com Deus e quem não está.

A pessoa fiel a Deus cuida não apenas para viver afastada do pecado, mas, sobretudo, para considerar o Senhor dos exércitos como o Senhor da sua vida também!

Vale lembrar que o Senhor honra os que O honram e o que realmente agrada a Ele é a prática de Sua Palavra. É isso o que identifica os verdadeiros servos de Deus. E o que identifica os servos de satanás é a prática do roubo do dízimo.



Impressão e Acabamento
Rio de Janeiro - Brasil
(21) 3296-9302/3296-9308
atendimento@graficauniversal.com
www.graficauniversal.com